

A ONOMÁSTICA DA LÍNGUA ESTRANGEIRA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Clarice Nadir von Borstel*

RESUMO: *A semiotização lingüística é um dos recursos criativos de uso de sobrenomes com traços lingüísticos estrangeiros, utilizados em Grande Sertão: Veredas por Guimarães Rosa. Os fatos enquanto prática sócio-histórica e societal, representados na obra, como elementos decisivos na constituição da identidade onomástica quanto à identificação e representação dos personagens, simbolizados na enunciação das narrativas discursivas, no que diz respeito à descrição de narrativização denominativa.*

PALAVRAS-CHAVE: *identidade onomástica, semiotização lingüística, literatura.*

ABSTRACT: *The linguistic semiotization is one of the creative resources of the last names usage with foreign linguistic traces, used in Grande Sertão: Veredas by Guimarães Rosa. The facts taken as a social-historic and societal practice are represented in the book as decisive elements in the constitution of the onomastic identity related to the identification and representation of the personages, symbolized in the statements of the discursive narratives, concerned to the description of denominative narrativization.*

KEYWORDS: *onomastic identity, linguistic semiotization, literature.*

INTRODUÇÃO

A linguagem do ser humano acontece para poder interagir consigo mesmo e com os outros. Leva-se em conta as colocações de Bakhtin (1988), que cita que o discurso do outro está sempre presente no seu próprio discurso, em um dado tempo e no espaço de uma dada fase identitária do indivíduo, quando se faz uma reflexão sobre a importância e a representação simbólica que se dá sobre o sobrenome de uma pessoa na constituição da identidade onomástica, e, na relação societal deste indivíduo em sua histórica de vida no grupo e, ou região. Para tanto, inicia-se, este estudo, citando Goethe,

O nome de um homem não é como uma toalha, que se pode sujar ou amarrotar sem fazer dano à mesa sobre a qual está posta, mas sim como uma vestimenta perfeitamente adaptada, tal qual a pele, que não pode arranhar ou cortar sem fazer mal também à pessoa. (Poesias Críticas, 1960).

* Professora Associada do Curso de Letras e do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Como diz o poeta alemão, há certa trajetória ou percurso no ato denominativo que indica a onomástica na qual o homem transforma as formas lingüísticas de nomes perfeitamente adaptados personativamente, dimensionando e caracterizando em enunciados axiológicos no tempo e no espaço sócio-cultural. Isto foi possível observar na obra literária *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, quando do uso dos nomes e sobrenomes descritos na trajetória da enunciação narrativa palavreada pelo autor.

E para que se realize esta semiotização da denominação identitária, dada ao indivíduo na obra literária, como diz Charaudeau (1995), é necessário um duplo processo, o *processo de transformação*, que efetiva a passagem do “mundo a significar” para o “mundo significado”. É pela ação de um enunciador e, ou narrador que se dá o processo de transação, que faz desse “mundo significado” um objeto de inter-relações de uso de sobrenomes personativos entre os enunciatários de uma sociedade. Este estudo dirige-se à situação de narrativa discursiva de nomes próprios personativos na obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, quando representa e simboliza o personagem de uma pessoa no grupo, no espaço geográfico do sertão.

Toda a linguagem e, ou língua, em sua “totalidade concreta viva”, em seu uso real e, ou virtual, tem a propriedade de ser dialógica, cujas relações dialógicas não se circunscrevem ao diálogo face-a-face. Ao contrário, existe uma dialogização interna da palavra que é repassada sempre pela palavra do outro, é inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que quando se denomina o enunciador, para constituir um discurso, leva-se em conta o discurso de outrem que está presente no seu próprio discurso (BAKHTIN, 1988, p. 36-47).

O dialogismo semântico do processo enunciativo da denominação de sobrenome do personagem no discurso da obra literária acontece, a partir de sua posição e da prática discursiva desse indivíduo, acerca de sua realidade, no contexto social em que interage o escritor com o personagem em seu universo descritivo e narrativo.

A SEMIOTIZAÇÃO ONOMÁSTICA DE ASCENDÊNCIA ESTRANGEIRA

Na narrativização discursiva, João Guimarães Rosa, descreve a semiotização etimológica de sobrenomes como uma linguagem pluricultural e societal, criada através da palavra, e, realmente, esta lhe faz justiça quando utiliza o léxico-semântico de nomes de origens estrangeiras, enunciados a partir de uma criação inusitada da onomástica com um grau máximo de criatividade lingüística, vergando os nomes e os sobrenomes

reportando aos seus desejos artisticamente expressivos “o que a lógica da língua obriga a crer” (LORENZ, 1983, p. 88), na discursividade descritiva e narrativa em suas obras.

Na leitura sobre a entrevista-diálogo de Guimarães Rosa com Lorenz, pode-se verificar que o autor caracterizava com muita sabedoria a semiotização onomástica da origem etimológica de seu sobrenome,

[...] uma parte de minha família é, pelo sobrenome, de origem portuguesa, mas na realidade é um sobrenome sueco que na época das migrações era Guimaranes, nome que também designava a capital de um estado suevo na Lusitânia. Portanto, pela minha origem, estou voltado. (LORENZ, 1983, p. 65-66).

No que é dito por Guimarães Rosa, verifica-se a importância que é dada à etimologia onomástica pelo autor, quando explica de onde e como se originou o seu próprio sobrenome “Guimarães”.

Ainda, em *Diálogo com Guimarães*, o famoso entrevistador revela a importância que Guimarães Rosa dava ao sertão. A riqueza do cenário regionalista, quando descreve o lugar no qual nasceu “e este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo. Assim, “o Cordisburgo germânico fundado por alemães é o coração do meu império suevo-latino” (LORENZ, 1983, p. 66). A “Conversa com Gunther Lorenz” revela a importância que mostrou na utilização de várias expressões e elementos lexicais em língua alemã, em suas obras literárias, visto que Guimarães Rosa nasceu e criou-se em uma comunidade fundada por alemães no interior de Minas Gerais.

Neste sentido, apresenta-se a análise e reflexão sobre a semiotização de sobrenomes em *Grande Sertão: Veredas*, refletindo-se sobre a onomástica na discursividade narrativa de situações de enunciação, nesta obra, quando Guimarães Rosa descreve e caracteriza o personagem alemão, a partir de seus traços físicos e psicológicos:

Pois ia me esquecendo: o Vupes! Não digo o que digo, se o do Vupes não orço – que teve, tãoamente. Esse um era estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído forte, com olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosaltar – indivíduo, mesmo. (ROSA, 1980, p. 56).

Neste enunciado narrativo, o autor utiliza o sobrenome do personagem em forma de traços de empréstimo lingüístico da língua alemã e do português, usando o elemento lexical “Vupes” através de informações de forma fonológica, morfossintática e semântica. Já na produção gráfica deste termo, nesta edição do livro não marca este elemento lexical em itálico.

A entrada de elementos estrangeiros em uma língua não é fruto, apenas, do resultado das relações políticas, culturais e comerciais com outros países. Trata-se, antes, de um fenômeno sociolingüístico e pragmático ligado ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala e, ou o conhecimento e a experiência que o escritor literário tem sobre o assunto. Desta forma, os povos que dependem econômica, culturalmente e de imigrações, não podem deixar de adotar, as denominações e idéias importadas, à nomenclatura correspondente.

O léxico estrangeiro, quando necessário, tende a adaptar-se à fonologia e à sintaxe e à semântica da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento com traços lexicais emprestados. Normalmente, é pela tradução de elementos lexicais que ocorre o estrangeirismo em uma dada língua.

Ao referenciar-se estudos do léxico do português brasileiro, este singulariza-se pelo interesse em questões que se concentram, sobretudo, em informações de representação lexical de preferência sob uma conexão semântica. Partindo da concepção do conhecimento que se dá ao Léxico, Basílio, cita que estudos investigados tratam, na maioria das vezes, sobre “[...] o interesse mais consistente da Morfologia no Brasil não se relaciona à sintaxe e à gramática, mas à Semântica lexical e à Lexicologia” (BASÍLIO, 1999, p. 57).

Quando se pretende identificar termos lingüísticos em forma de empréstimos, estes se constroem pelo léxico com as informações fonológicas, sintáticas e semânticas em uma dada enunciação, este nomear em narrativas pode ser percebido pelo léxico como um “repositório de todas as propriedades (idiosincráticas) de itens lexicais individuais. Estas propriedades incluem a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática e suas categorias semânticas” (CHOMSKI e LASNIK, 1995, p. 427).

Estas propriedades idiosincráticas com informações enunciativas de traços lexicais podem ocorrer em duas línguas como um processo de hibridização lingüística, observadas e interpretadas em uma significação discursiva, tanto na interlocução de um enunciado, partilhado por dois falantes, como também na narrativização descritiva-enunciativa, em obras literárias.

Segundo Aubert (2003), mesmo em pesquisas empíricas ocorre a complexidade do empréstimo. Os estrangeirismos mostram-se menos simples e transparentes do que se poderia imaginar. O autor cita os antropônimos em particular, mas os topônimos também resultam em múltiplas variantes de traços de línguas estrangeiras.

Os empréstimos lingüísticos podem ocorrer em uma dada língua, quando se utilizam traços fonológicos, morfossintáticos, recursos prosódicos e semânticos com elementos lingüísticos de vocábulos estrangeiros e termos dialetais da língua nacional.

De fato, estes traços de língua estrangeira, hibridizados com o português, podem ser observados nos enunciados empíricos em *Grande Sertão: Veredas*: sobre o uso dos antropônimos, quando do sobrenome do personagem alemão: “E como é mesmo que o senhor frasêia? Wusp? É. Seo Emílio Wuspes... Wúpsis... Vupses.” (ROSA, 1980, p. 57).

Em obras literárias o uso de empréstimos pode-se desdobrar em diversas opções formais, estilísticas e pragmáticas. Este recurso de uso lingüístico necessita de outros elementos de apoio inseridos na urdidura da narrativa, mostrando uma opção deliberada do autor em utilizar determinados termos estrangeiros para simbolizar e descrever o personagem, reforçando características próprias do mesmo, através de descrições físicas e psicológicas retratada de forma discursiva e narrativa na obra.

Ainda, em outro fragmento de enunciação:

Mas estava lá o Vupes, Alemão Vupes, que eu disse – seo Emílio *Wusp*, que o senhor diz. Das vezes que viera a passar pelo Curralinho, ele já era meu conhecido. Tredobrado homem. Sendo que entendia tudo de manejar com armas, mas viajava sem cano nenhum; dizia: – Níquites! Desarmado eu completo, [...]. (ROSA, 1980, p. 97).

Nesta situação enunciativa como na anterior, Guimarães Rosa utiliza o recurso lingüístico de hibridização do nome próprio com traços da língua alemã e do português: “Vupes” e *Wusp*, neste último, marcando graficamente o sobrenome de origem em itálico.

Há outro momento da situação narrativa quando o narrador utiliza o sobrenome “*Wusp*” utilizando duas formas prosódicas,

[...] Rosa’uarda, a mocinha Miosótis, meu mestre Lucas, dona Dindinha, o comerciante Wababa, o Vupes – Vúpsis... Todos, o meu padrinho Selorio Mendes. Todos, que em minha lembrança eu carecia de muitas horas para repassar. (ROSA, 1980, p. 298).

Guimarães Rosa, ao finalizar a narrativização de *Grande Sertão: Veredas*, descreve e referencia novamente o personagem “Vupes”, na última página do romance publicado em 1980. Isto pode ser observado na discursividade narrativa quando Diadorim faz a travessia, como se pode ver na enunciação-narrativa: “O senhor vai ver pessoas de tal rareza, como perto de todo-o-mundo pára sossegado, e sorridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei”. (ROSA, 1980, 460).

Ainda, na situação de descrição narrativa o autor trabalha as palavras em um processo de hibridização lingüística etimológica para caracterizar o personagem, a partir da semiotização personativa do sobrenome.

Também, reforça-se a análise dada por Campos sobre a origem etimológica do sobrenome *Wusp*,

O processo de metamorfose etimológica, posto em prática pelo escritor em muitas oportunidades, é enfatizado, textualmente, quando Riobaldo se refere ao nome do ‘alemão Vupes’: E como é mesmo que o senhor fraseia? *Wusp*? É. Seo Emílio Wuspes... Wúpsis... Vupes. Pois esse Vupes [...]. (GSV, p. 69 por CAMPOS, 1983, p. 341).

O uso onomástico sobre a origem etimológica de sobrenomes, caracteriza o personagem, reforçando a descrição física e psicológica da pessoa na enunciação narrativa na obra.

Têm-se outros sobrenomes estrangeiros, em *Grande Sertão: Veredas*,

Aí, namorei falso, asnaz, ah essas meninas por nomes de flores. A não ser a Rosa’uarda – moça feita, mais velha do que eu, filha de negociante forte, seo Assis Wababa, dono da venda. *O Primeiro Barateiro da Primavera* de São José – ele era estranja, turca, eles todos turcos, armazém grande, casa grande, seo Assis Wababa de tudo comerciava. (ROSA, 1980, p. 89).

Assim, também, o sobrenome de origem estrangeira “Wababa”, utilizado por Guimarães Rosa, quando narra que é de origem turca.

Nas análises e reflexões, Dias, referencia que a origem etimológica do sobrenome, bem como os apelidos são importantes na descrição narrativa de uma obra literária, para ter conhecimento da procedência e da ascendência étnica das pessoas,

A origem do nome é importante na descrição narrativa. Os apelidos também se baseiam, em muitos casos, na procedência das pessoas. Também estrangeiros, havia pelo sertão: seu Sawaba, em cuja casa Riobaldo conhece estranhas comidas sírias; o alemão Vupes, seu amigo desconfiado, que se embrenhara pelo interior, vendendo instrumentos agrícolas, os dois padres missionários que desmascaram a viúva assassina, no estranho episódio ocorrido em Jequitá e narrado por João Bexiguento. (GSV p. 220-396 por DIAS, 1983, p. 402).

Guimarães Rosa, também utiliza em sua descrição de forma situacional profissional um personagem turco em *Grande Sertão: Veredas* com o sobrenome “Cúri”. Este sobrenome é utilizado na narrativa da obra de origem da ascendência étnica de países árabes,

Em casa de seo Assis Wababa, me deram trato regozijante. No que jantei, ri, conversei. Só a praga duma surpresa me declararam: a de que a Rosa’uarda agora estava noiva, para se casar com um Salino

Cúri, outro turco negociante, nos derradeiros meses lá vindo. (ROSA, 1980, p. 97).

Nesta obra literária, para caracterizar e descrever os personagens o autor utilizou-se de outros sobrenomes de ascendências estrangeiras, como no caso de países árabes: o personagem Siruiz o contador de versos, canções e histórias. De ascendência portuguesa têm-se os seguintes sobrenomes: Pereira, Mendes, Félix, Medeiro Vaz, Alves, da Silva, Lemes, de Lima e um sobrenome de origem francesa “Bettancourt” e “Marins” de ascendência do espanhol, quando cita o personagem: Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins.

Este percurso enunciativo de descrição narrativa quando da identificação do personagem, estabelece o sentido semiótico de cada referência em particular sobre o sobrenome criado por Guimarães Rosa, há uma relação muito particular entre o nome etimológico denominado pelo narrador e a semiotização a que se chega à personagem enunciada. O sobrenome só tem sentido na obra, a partir de uma história de enunciações e de descrição do próprio personagem. A construção da informação lexical do funcionamento fonológico, morfossintático como também o seu valor semântico e pragmático, enunciado no universo discursivo do processo de descrição e narrativização dos fatos, têm uma importante relevância sobre a descrição do sobrenome incorporado no personagem da obra em *Grande Sertão: Véredas*. O sobrenome da pessoa se referencia na discursividade e na atemporalidade do acontecimento, como pode ser observado na descrição narrativa dada e na forma criativa utilizada pelo autor.

Como se pode notar, este estudo é corroborado por Charaudeau (1996), em cujo texto é possível levantar, destacar e interpretar as inferências dadas em dada obra, aqui no caso os sobrenomes com traços de língua estrangeira, que se dá, a partir de inferências situacionais, contextuais e intertextuais que é constituído de certo saber de experiência, partilhado pelo autor nos fatos enunciados no processo de narrativização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discursividade de nome personativo e a semiotização etimológica podem ser interpretadas nos limites da deontologia performativa e, esta nomeação está ligada ao fato de que a relação integrativa da representação etimológica do sobrenome lexical com a informação fonológica, morfossintática e do semântico-enunciativo estão presentes na obra. Este último é sempre remetido ao universo discursivo da enunciação com um caráter próprio do processo político, religioso, social, cultural e identitário na e pela linguagem do acontecimento no tempo e no espaço de

narrativização do personagem, na obra literária.

A partir destes dados levantados e as reflexões (re)tecidas no que precede sobre a semiotização da onomástica, utilizados por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, de sua infinita criatividade na palavra de denominações etimológicas que enriquece a enunciação narrativa sob o aspecto histórico, social e cultural, de uma dimensão de diversidade lingüística sobre o uso lexical de sobrenomes próprios narrados pelo autor por uma expressão artística sem igual.

É possível descrever esta análise, pelas informações dadas através de traços fonológicos e pela expressividade semântica contida nos recursos estilísticos configurados na linguagem dada pelo autor, quando descreve e simboliza os personagens física e psicologicamente na obra, pelo uso de antropônimo da língua alemã *Wusp*, empregando empréstimos lingüísticos através de elementos substantivos com traços lingüísticos da língua alemã e do português brasileiro na forma de traços prosódicos de informações fonológicas nos elementos lexicais: “Vupes, Wuspes, Wúpsis e Vupses”.

Guimarães Rosa, utilizou-se, também, de sobrenomes de origem dos países árabes: Wababa ou Sawaba, Cúri ou Curi, Siruiz, entre outros. Sobrenomes de ascendências como os de portuguesa Pereira, Mendes, Félix, Medeiro Vaz, Alves, da Silva, Lemes, de Lima; de francesa Bettancourt ou Bettencourt e Marins do espanhol. Isto está muito presente no ato de descrição e narrativização dada pelo autor, para poder caracterizar a identidade dos personagens na prática descritiva-enunciativa de fatos físicos e psicológicos, relacionados aos fatores sócio-históricos, societal e geográficos em *Grande Sertão: Veredas*.

Este ensaio, teve como função analisar a semiotização lingüística de elementos onomásticos de língua estrangeira, no jogo da significação psicossocial dos atos de linguagem, que foram apresentados pelo autor na obra literária, sobre o conhecimento e a experiência que o escritor tem sobre o assunto. E é nesta carga semântica dos elementos lexicais utilizados, por meio de modos de organização enunciativa discursiva que os integram na narrativização de situações pragmáticas, retórico-enunciativas e sociolingüísticas.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Francis Henrik. As variedades de empréstimos. *Revista D. E. L. T. A.* v. 19, n. Especial, p. 27-42, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BASILIO, Margarida M. de P. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. *Revista D.E.L.T.A.* v. 15, n. Especial, p. 53-70, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Une Analyse Sémiolinguistique du Discours. In: *Langages*. n.117. Paris: Larousse, 1995.

_____. Para uma nova Análise do Discurso. In: CARNEIRO, Agostinho D. (Org.). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 5-43.

CAMPOS, Augusto de. Um lance de “Dês” do Grande Sertão. In: COUTINHO, Eduardo F (Org). *Guimarães Rosa: Coletânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, p. 321-349.

CHOMSKY, Noam & LASNIK, H. The theory of Principles and Parameters. In: CHOMSKY, N. (Ed.). *The Minimalist Program*. Cambridge. The MIT Press, 1995, p. 425-508.

DIAS, Fernando Correia. Aspectos sociológicos de Grande sertão: veredas. In: COUTINHO, Eduardo F (Org). *Guimarães Rosa: Coletânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, p. 390-407.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Poesias Críticas*. São Paulo: Ed. Brasileira, 1960.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães. In: COUTINHO, Eduardo F (Org). *Guimarães Rosa: Coletânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, p. 62-97.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 14.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.